

Deputados discutem caráter da festa

Entre uma alfinetada e outra, governistas e oposição ainda tentaram travar uma discussão consistente sobre os rumos da Micarecandanga. Uma festa que movimenta milhões de reais, milhares de pessoas e, pelo o que os números indicam, pode estar sendo mal aproveitada pelo Governo do Distrito Federal (GDF).

O deputado Peniel Pacheco (PSDB) levantou a bola para a discussão. Na sua intervenção em plenário, defendeu que os promotores da festa deveriam pagar taxas extras pela utilização dos serviços públicos (segurança, saúde, limpeza). "Isto é mínimo que se poderia cobrar deles", opinou.

Entre os adeptos desta teoria — que na verdade é um projeto de lei elaborado pelos deputados João de Deus (PDT) e Geraldo Magela (PT) —, está o secretário de Segurança

Pública, Roberto Aguiar. "A lei seria uma alternativa para melhorar os serviços públicos nos eventos de grande porte. Por isso, sou favorável a ela", declarou o secretário.

Para o secretário de Turismo, Rodrigo Rollemberg, a questão é bem mais simples. "A Micarecandanga já é um evento privatizado", minimaliza. A declaração é definitiva, mas a avaliação que o secretário faz sobre o carnaval fora de época, não. "O GDF poderia tirar mais proveito da Micarê, mas isto faz parte de um processo de avaliação. A festa ainda é muito recente. No decorrer do tempo, saberemos explorar melhor a relação custo e benefício", admitiu.

O carnaval fora de época de Brasília deste ano foi marcado pela violência. No segundo dos quatro

dias de Micarê, enquanto estrelas como Carla Perez, Simony e as tri-gêmeas gaúchas se esbaldavam nos trios elétricos, a violência à faca e bala fazia três vítimas fatais na turma da *pipoca* — aquele pessoal que não está protegido pelo cordão de isolamento dos blocos nem pelos seguranças dos camarotes, mas que se arriscou a ir ao Caldeirão da Folia para curtir a Micarecandanga.

O estudante Expedito Camelo Souza Jr. de 20 anos, levou um tiro quando estava perto da Torre de TV. Edmar Marcelo Silva dos Santos, de 15 anos, morreu a caminho do hospital depois de ter tomado duas facadas. A mesma arma usada para matar Roque de Jesus de Souza, de 27 anos, que já estava até indo embora quando foi atacado no estacionamento do Estádio Mané Garrincha.